



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ENTRE SÁTIRAS E LASCÍVIAS: DEVASSANDO AS ZONAS
DEVASSADAS DE MANAUS (1901-1920)**

Caroline de Souza Rodrigues*

Devido a sua localização geográfica Manaus estava longe dos grandes centros urbanos brasileiros, mas sempre teve um desenvolvimento impar em relação às demais capitais do país. Até meados do século XIX a recém-nomeada capital da província do estado do Amazonas não passava de um simples lugarejo incrustado no meio da floresta e cercada pelas escuras águas do rio Negro.

Apesar de suas belezas naturais que encantaram viajantes como os (naturalistas, botânicos e zoólogos) Robert Avé Lallemand¹, Alfred Russel Wallace² e o casal suíço Luiz e Elizabeth Cary Agassiz³. Os mesmos não puderam deixar de notar que a pequena cidade era composta de ruas irregulares, esburacadas, sem nenhum calçamento, cheias de altos e baixos entrecortadas por igarapés. Seus palácios, assim denominadas as repartições públicas, pareciam mais com castelos oscilantes ornados com nomes de Tesouraria, Correios e Alfandega.

* Mestre em história pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

¹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas (1859)**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.p.109.

² MALACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Rio Amazonas e Negro**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1972. p.109.

³ AGASSIZ, Luiz. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p.127.

Para esses viajantes, permeados por um olhar cosmopolita e dualizado, a cidade parecia-se com um “diamante bruto à espera de seu dilapidador”⁴, ressaltando que futuramente, Manaus, viria se tornar um grande centro comercial capaz de receber e abastecer grandes embarcações vindas das diversas partes do mundo. Contudo, essa tão almejada prosperidade só poderia se tornar capaz mediante o empenho e árduo trabalho da população local, descrita por esses senhores, como resultado do depauperamento moral dos brasileiros, ou seja, para eles a mistura entre o branco, o negro e índio resultaram na extinção do tipo puro e de todas as suas boas qualidades,

[...] deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural [...].⁵

Portadores de um olhar hierarquizado e europeizado, para esses ilustres estrangeiros, o problema da região não estava na densa floresta e nem no clima tropical, mas, residia nos próprios habitantes e seus costumes, isto é, na sua maneira de viver e se alimentar. Buscando romper com esse estigma de desinteressados, pôde-se perceber uma crescente mobilização da elite local juntamente com os meios de comunicação reivindicando maiores e melhores intervenções para a capital amazonense. O crescente desejo de igualarem-se as grandes metrópoles do Brasil e do mundo ganhou fôlego durante o governo de Eduardo Ribeiro no final do século XIX, período este marcado também pelo crescente comércio do látex que acarretou para Manaus o título de Paris dos Trópicos.

Com os olhares voltados para si, Manaus, não poderia mais ser vista como um pequeno lugarejo parado no tempo, com um povo de hábitos selvagens, passando assim, como o historiador Otoni M. Mesquita⁶ diz, por um processo de refundamento urbanístico e social - o que era lícito passa a ilícito e reprimido publicamente nas páginas dos jornais.

Na dualização do cotidiano popular, entre o permitido e o não permitido, uma parcela da população foi gradativamente sendo empurrada para a margem juntamente

⁴ A Margem da Margem: Aqui todos mandriam. In, RODRIGUES, Caroline de Souza. Sombras da Noite: As Marginalizadas da Belle Epoque Manauara (1860-1920) Dissertação apresentada a Banca Examinadora da UFAM. AM. 2013. p.118.

⁵ AGASSIZ, op cit, p.148.

⁶ MESQUITA, Otoni. La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Apoio, FAPEAM. EDUA _ 2009, Manaus_Am.

com aqueles que vieram para a cidade em busca do fausto amazônico⁷. Taxados de desclassificados como indivíduos sociais, os “selvagens” da margem, transformavam-se na antítese da civilidade definida como ideal a ser alcançado que confronta com sua alteridade a política de aparência que tentava forjar a “ferro e fogo” o modelo de cidadão ideal para a nascente cosmopolita capital do estado do Amazonas.

O JORNAL O CHICOTE: DISCURSOS SOBRE O FEMININO EM MANAUS

Auto intitulando-se defensores da moral e dos bons costumes, vários jornais que veicularam por Manaus no início do século XX, como *O Chicote*, *O Marreta*, *Jornal Humanista*, tinham como propósito tecer críticas, muita das vezes de forma satírica e escarneada contra os ditos “gêneros mundanos”. Com suas colunas semanais, intituladas “Vida Mundana”, “Nas Zonas” e “Objetos imprestáveis”, davam visibilidade aos habitantes da margem, aos que não se adequavam aos padrões sociais vigentes, gerando um misto de curiosidade e repulsa na “sociedade de bem”.

Ratificando essa ideia de vigilantes e guardiões da moral, o jornal *O Chicote*, em seu primeiro número expõe como matéria de primeira página o artigo intitulado “O Nosso Programa”, comprometendo-se em denunciar os “factos deprimentes praticados pelo pessoal da rapioça, acabando assim, de uma vez para sempre, os escândalos, pelo menos, às horas meridionais”⁸.

Segundo seu programa e o compromisso assumido para com a sociedade, o jornal justifica a necessidade de sua presença através da falta de moralidade em que a capital amazonense estava inserida, haja vista que “uns tantos indivíduos que se dizem bons, mas, que não procedem como verdadeiros cavalheiros de sociedade, sem reboço, escandalizam as famílias”⁹. Ainda ao longo da primeira página de seu número inaugural, *O Chicote*, com o intuito de atrair e fidelizar seu público, convoca seus leitores a eleger a prostituta mais pretensiosa ou a mais bonita de Manaus.

⁷ Durante o período áureo da borracha, Manaus recebeu uma gama de imigrantes e migrantes que traziam na bagagem o sonho de enriquecer rapidamente com a extração do látex, e aqui chegando, se pararam com uma cidade cara e sem infraestrutura que os obrigou a se alocarem em pequenos conglomerados próximo a zona portuária da cidade.

⁸ *O Chicote*. O nosso programa. Manaus, 06 -07-1913. Ano 01, nº01. p.01.

⁹ *Idem*, p.01.

Essas “brincadeiras”, em que os leitores são convocados a eleger a prostituta mais pretensiosa e a mais bonita demonstra ter um duplo sentido, ou seja, ao mesmo tempo em que este promove um “choque de moral nas ditas zonas”¹⁰, repudiando aquelas prostitutas que se mostravam mais espalhafatosas, briguentas e barulhentas, também chamava atenção para as mais jovens e belas, classificando-as como “mariposas do amor”, destacando-as por sua beleza e higiene.

Outro aparente paradoxo no versas satírico desses jornais, estaria no discurso moralizador e a projeção de seus atos, que agradava a gregos e troianos, por exemplo, cotidianamente o jornal O Chicote publicava a cotação das prostitutas ou marafonas, forma pejorativa que comumente se referiam a essas mulheres, conforme as ruas elas residiam. Nesse caso, é perceptível notar que o jornal fala para dois públicos distintos, o feminino e o masculino.

Para o publico feminino a cotação das “zonas devassadas”¹¹ significava a degradação de sua imagem, caso elas não preservassem sua castidade e nem seguisse os ensinamentos de seus pais. Para os homens o cambial¹² das zonas transformava-se em um verdadeiro catalogo diversificado com informações precisas quanto aos valores e o nível das prostitutas alocadas em suas dependências.

Diariamente os moradores das ruas pertinentes as “zonas devassadas” tinham seu cotidiano exposto nas páginas dos jornais, em especial as prostitutas, percebidas como objetos imprestáveis e cancro que precisava ser extinto com urgência da sociedade.

No “dia 24 ultimo”, um evento ocorrido na Costa Azevedo deixava a todos alvoroçados, era o “baile da Angela”, que se mostrou bastante concorrido por grande número de “ratuínas e distintos cavalheiros”¹³ sendo encerrado apenas quando um militar atirou uma “pitomba” que feriu o Mundico. Ainda durante o “Policiamento d’O

¹⁰ As zonas, também chamadas de zonas estragadas ou devassadas era a denominação dada as ruas do centro de Manaus, que se localizavam próximo ao porto da cidade.

¹¹ Zonas Devassadas ou zonas estragadas eram os termos utilizados pelos jornais que veicularam pela cidade de Manaus, em especial O Chicote, para designar-se ruas e bares frequentados por “pessoas de baixa esfera”.

¹² Algumas das ruas citadas no cambial da zona diariamente nas páginas d’ O Chicote: Itamaracá 3.800; Estrada Epaminondas 2.700; José Clemente 2.500; Saldanha Marinho 1.000; Rua dos Andradas 900; Beco do Comercio 700; Fréges dos Remédios 500. In: O Chicote: Manaus 06-07-1913. Ano 01, nº01, p.01.

¹³ Idem, p.01.

Chicote”¹⁴, realizado juntamente com 69 auxiliares, nas zonas “Costa Azevedo”, “Barroso”, “J. Sarmiento” e “24 de Maio”, onde durante a ronda foram “recolhidas ao galinheiro d’ O Chicote as ratuínas: Não me Lasque (lá ella), a negra Angela, ratazana Emilia Moraes, Vagabunda Sinhá, Generosa, todas por andarem com palavras obscenas, procurando fretes. Nada mais houve”¹⁵.

Ao tomar para si a responsabilidade de vigiar, autuar e punir os subversores da ordem, O Chicote, confronta a polícia a partir do momento em que sai às ruas com grupo de voluntários para patrulha-las com o intuito de punir os subversores da ordem, nesse caso, as prostitutas que se exibiam pelas ruas em busca de possíveis fregueses.

Em casa da “espora Eneida Bahiana”¹⁶ pode-se ouvir de longe um “fon fon” desafinado, que de perto se mostrava um verdadeiro batuque em homenagem ao 12º aniversário do filho da “Peito de Aço”. Chamava-se casa o,

[...]. Cubículo infecto e sem luz, a desordem e a falta de moralidade, gente de toda casta, que serve de escoria a sociedade, desde o azeitado foguista ao escovado vagabundo rapiocava arrastando os pés nas desasseidas salas, deixando exalar o cheiro nauzeabundo da cachaça ou do suor dos maltratados¹⁷.

O “Angu” entrou pela noite adentro, com direito a disparos de indiretas contra alguns jornalistas que se infiltravam em sua festa, dizendo que “não tinham medo d’ O Chicote e que ia comer uma feijoada, e conforme o efeito”, o produto seria do referido jornal. Invasoras em sua intimidade, a troca de insultos fazia-se comum através das contrarrespostas editadas pelo jornal.

Essas contrarrespostas, muita das vezes ocorrida no âmbito da oralidade, demonstra que essas mulheres não se calavam diante do que era publicado a seu respeito nas páginas dos jornais. Quando publicadas, as respostas aos artigos sempre vinham carregadas de uma moralidade velada que desqualificavam as mulheres da zona enfatizando seu desregramento moral e a falta de educação pertinente a sua conduta.

¹⁴ Grupos de pressão social organizados pela mídia local com o apoio da população para normatizar e difundir os padrões coletivos para o viver em sociedade.

¹⁵ Idem, p.02.

¹⁶ Idem, p.02.

¹⁷ O Angu da Mulata. In, O Chicote. Manaus 16-08-1913. Ano 01, nº07. p.01

Apesar das constantes manchetes editadas nos periódicos que circulava por Manaus, as “zonas devassadas” eram lugares de alteridade nos quais as festas perduravam noite adentro e onde o poder público pouco penetrava, sua ação fiscalizatória se mostrava ineficiente diante das denúncias diariamente publicadas nos jornais. Daí a grande preocupação da burguesia e subsequente do poder público em normatizar esses “desclassificados” que “não se enquadravam nem no mundo do governo, nem muito menos no mundo do trabalho, restando-lhe aquela terra de ninguém social definida como mundo da desordem”¹⁸.

Na efervescência das zonas, cotidianamente, flagrantes como o de uma jovem estrangeira moradora da estrada Epaminondas, nº 58, de nacionalidade inglesa, está a se mostrar “de um espelho para o quartel do 46º em trajes de Eva no começo do mundo”¹⁹, ficando desde já avisada para comedir em suas “bandalheras porque do contrário, chamamos a atenção de quem competir”²⁰. Na mesma zona, passageiros do bonde, do plano inclinado, descrevem a sua indignação mediante uma carta enviada ao Jornal do Comercio relatando que

Várias marafonas sem-cerimonia, se apresentam a janella em trages de Eva, envoltas a maneira de tolgas romanas nos cortinados respectivos [...]. (Essas) madamas, que naturalmente pensam ser aquillo por alli um prolongamento do paraíso terrestre, onde Eva andava a vontade, naturalmente por causa do calor que por lá devia ser terribilissimo²¹.

A analogia feita entre as prostitutas das “zonas devassadas” e a imagem bíblica de Eva, segundo Margareth Rago (1985, p.139) ocorre porque ela está ligada diretamente ao pecado original, ou seja, Eva foi a “razão da perdição do homem”²². Neste caso, as “filhas de Eva” atraíam suas “vítimas” (os homens) através de sua nudez edênica.

Em setembro de 1913 um grupo de prostitutas foram encaminhadas para o hotel da 1ª delegacia, por estarem vagabundeando nas ruas da capital. Tão importante foi à ação

¹⁸ PECHMAN, Robert Moses. **A Cidade Estreitamente Vigia: O detetive e o Urbanista**. Rio de Janeiro. Casa Palavras, 2002. p.09.

¹⁹ Fitinhas Cinematográficas. In, O Cometa. Manaus, 21-07-1912. Ano 01. N°06, p.02.

²⁰ Idem, p.02.

²¹ Apud, SOUZA, Leno José Barata. **Vivências Populares na Imprensa Amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917)**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da PUC/SP. p.236.

²² RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinada _ Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra. p.12.

da policia, que os jornais, não puderam deixar de elogiar o feito realizado pelo Dr. Chefe de Polícia pelo bom trabalho desempenhado,

[...], compreendendo ser uma das nossas maiores e mais funestas pregas a vadiagem desbregadas a que se entregam essas proxenetas, aboletadas em cortiços e baiucas infectas, não tragiversou no emprego de enérgicos meios para aniquilação do mal.

Urgia arrancar do seio das ruas essas urzes que nos rasgam a planta e que enlameiam os vestidos brancos de nossas pudicas poestadanas d'ahi o gesto – em que o golpe certo de cutello [...] por muito tempo, symbolisara sobre a fronte dessa raça espurra [...] ²³.

De acordo com Sandra J. Pesavento (2002, p.85) esses espaços de visibilidade e invisibilidades, permeados de tensões geradas pelos discursos moralizadores, eram fruto da modernidade conturbada em que o Brasil vivenciava através das reformas urbanas e de embelezamento pelas quais as cidades estavam passando desde meados do século XIX e que haviam se consolidado nas primeiras décadas do século XX. Como resultado consequente desse processo, uma gama de indivíduos foi transformada em personagens principais desses espaços, “desde que olhados pela ótica da estigmatização, que constrói a identidade da exclusão” ²⁴ é composta por pobres, migrantes, desocupados, vadios e prostitutas que compunham o retrato perfeito do que “poderia ser chamado de população de selvagens urbanos” ²⁵.

Dentre esses selváticos urbanos, as prostitutas tornaram-se alvos principais dos flagrantes promovidos pelos jornais. “Nas Verdades nuas” mulheres como Rosita Maranhense, Angelina Preta, Maria Garagem e Margarida Reboque recebiam rimas que lhes contava a “trajetória de vida” e lhes floreavam com singulares adjetivos e predicados, como o caso da Rosita Maranhense, que anda com um chifre pendurado no pescoço e um galho de arruda no pé da orelha, e para chamar freguesia, dizem, que esta “lava a porta com urina meio dia, despejando o resto para a rua” ²⁶.

Já Angelina Preta, esta era parente do carvão e “prima bastarda do café torrado” ²⁷, preta de alma, corpo e coração. Concebida na desordem, essa “possui diploma

²³ Actividade Policial. In, O Chicote. Manaus 07-1913. Ano °01, n°10. p.01.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: O Mundo dos excluídos no Final do Século XIX. Companhia Editora Nacional – 2001.

²⁵ Idem, p.86.

²⁶ Verdades Nuas. In, O Chicote. Manaus, 10-01-1915. Ano 03, n°03. p.02.

²⁷ Idem, p.02.

de cachaceira”²⁸, pois é “vagabunda, preta indecente”²⁹. E a dupla de azaradas Maria Garagem e Margarida Reboque, a primeira nunca teve um “auto”, mas diz que ganhou o nome não sabe como, a outra mundana “triste, azarada, sem sorte por toda vida”³⁰.

A primeira, “não nasceu, veio o furo [...]. Por sinal tem chato na ponta do nariz, prova cabal do que o nome atesta”³¹, enquanto a outra, a Reboque, é um “cadáver ambulante que não se reside”³², quando terminar de morrer o verme chefe fará a repartição da carne estragada. O único a fazer festa para essas no fim será o Diabo “passeando em teu pescoço aquelle rabo [...]. Enquanto os vermes batem nos peitos”³³.

Guardiões da moral e dos bons costumes, os jornais ainda dedicavam-se a denunciar os “namoros” de viúvas, como o caso de uma que morava na C. Mariano que estava a namorar “diversos vagabundos” e das jovens de boa família, alertando os pais das últimas quanto à reserva da honra de suas filhas, como por exemplo, o caso de duas mocinhas que

[...] moram na rua L. Antony, que um ex-despachante e o taberneiro dos fundos do Hotel Cassina, estão procurando iludir as mesmas, tendo elles como sua auxiliar uma preta vendedora de tacacá e que acode pelo nome de Maxima, sendo seu principal officio caftina e alcoviteira³⁴.

A manutenção da moral feminina através das páginas dos jornais mostrava-se contundente diante de uma sociedade que temia as mulheres e seu sexo, onde os conceitos são personificados nos princípios normativos moralizadores impostos com o intuito de negar e reprimir a sexualidade feminina, pois o reconhecimento de sua alteridade traria a lume questões referentes a sua força, ou seja, na verdade colocaria em voga a dominação social masculina, haja vista, que esse seria “incapaz de enfrentar diferenças, de assumir suas fraquezas e reconhecer suas vacilações justamente como se fossem defeitos do outro e não de si”³⁵.

²⁸ Idem, p.02.

²⁹ Idem, p.02.

³⁰ Idem, p.02.

³¹ Idem, p.02.

³² Idem, p.02.

³³ Idem, p.02.

³⁴ Namoricos. In, O Chicote. Manaus, 05-09-1915. Ano 03, n°28. p.03.

³⁵ ADORNO, Sergio. Prefácio. In, RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro; Paz e Terra. p.18.

História Cultural

CONCLUSÃO

E justo nesse processo de vigilância e segregação que a mulher terá seu espaço de sociabilidade restrito ao âmbito privado, sendo silenciada, “pois o silêncio era ao mesmo tempo uma disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar”³⁶.

A manutenção do controle social das mulheres ocorria de forma sutil, ou seja, ao estampar notícias sobre as práticas de afetividade e sociabilidades das mulheres publicas, os jornais, mostravam como uma mulher de família não deveria se portar publicamente, além de enfatizar que seu livre transito nas ruas, sem a supervisão de parentes masculinos, culminaria em seu desregramento moral.

Isso era possível, porque apesar dos avanços científicos, tecnológicos e das diversas conquistas sociais femininas empreendidas nos primeiros anos do século XX, a mulher socialmente ainda era vista como um ser frágil fisicamente e psicologicamente, tornando-se alvo fácil as investidas masculinas nas ruas e fabricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódicos:

O Chicote: 1913-1915.

O Cometa: 1913.

Jornal do Comercio: 1904-1925.

Bibliografia

BOURDIE, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern, Guilherme J. F. Texeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007, 556 p.

_____. A Dominação Masculina. Tradução Mariia Helena Kühner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

³⁶ PERROT, Michelle. A mulher ou os Silêncios da História. Bauru – SP; EDUSC. P.10

ENGELS, Magali. *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Editora Brasiliense, 1988.

_____. *Psiquiatria e Feminilidade*. In, *História das Mulheres no Brasil*. (Org) Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2004.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e Costumes no Brasil*. São Paulo; Editora Nacional, 1977.

FLANDRIN, Jean-Louis. *O Sexo e o Ocidente: Evolução das atitudes e dos comportamentos*. Tradução Jean Progin. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Ed. Loyola.

_____. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de Augusto Guimarães. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1984.

MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Apoio, FAPEAM. EDUA _ 2009, Manaus_Am.

_____. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus - AM, Editora Valer, 2006.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades Estritamente Vigeadas: O Detetive e o Urbanista*. Rio de Janeiro, Casa das Palavras _ 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: O Mundo dos excluídos no Final do Século XIX*. Companhia Editora Nacional – 2001.

_____. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PERROT, Michelle. “Cenas e Locais”. In, *História da Vida Privada IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Org: Michelle Perrot; Denise Bottiman, Parte 01 e 02; Bernardo Joffely, partes 03 e 04. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo; Contexto, 2008.

_____. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru- SP; EDUSC, 2005.

PRIORE, Mery Del. *A História do Amor no Brasil*. São Paulo; Contexto, 2005.

_____. *Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*. São Paulo; Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAGO, Luiza Margareth. Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.

_____. Trabalho Feminino e Sexualidade. In, História das Mulheres no Brasil. (Org) Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. “A Dimensão Cômica da Vida Privada na Republica Brasileira”. In, História da Vida Privada no Brasil 03. Coordenação Geral da Coleção Fernando A. Novais; Organizador do Volume Nicolau Servicenko. –São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.283.

SOUZA, Leno José Barata. “Uma Questão de Ordem”. In, Vivencia Popular na Imprensa Amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917). Dissertação apresentada a Banca Examinadora da PUC. SP.

_____. Evas, Vadios e Moleques: Outras Histórias da Belle Époque Baré. In, Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas vol. 01, nº01. Manaus; Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

ZELDEN, Theodoro. Uma história da Intimidade. Trad. Hélio Pólvora – Rio de Janeiro: Record, 1999.

